

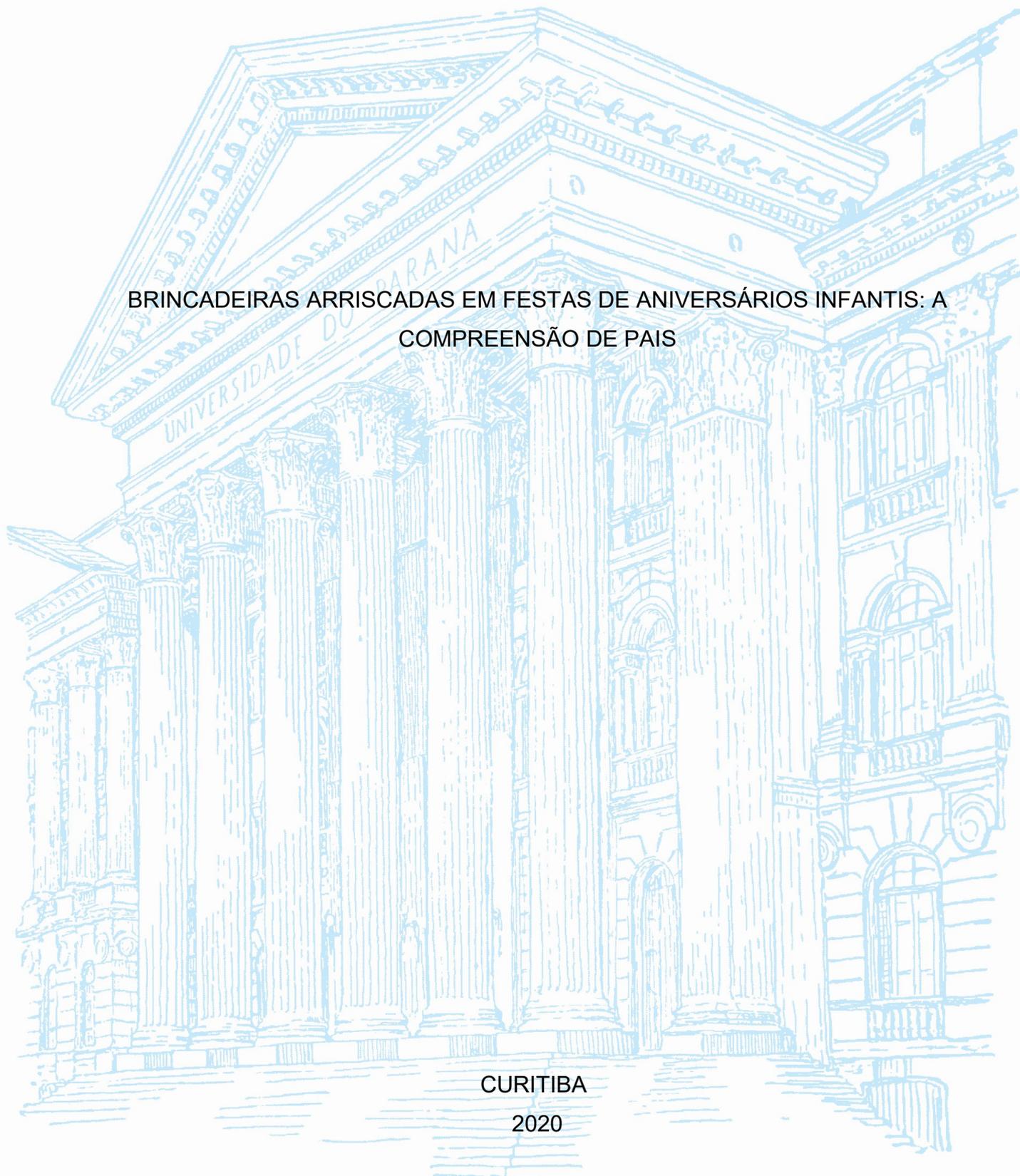
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KAREN NICOLI VIOLA

BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A
COMPREENSÃO DE PAIS

CURITIBA

2020



KAREN NICOLI VIOLA

BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A
COMPREENSÃO DE PAIS

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Educação Física,
Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal
do Paraná

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Marynelma
Camargo Garanhani

Coorientador(a): Prof.(a) Emanuelle Sartori

CURITIBA

2020

À minha mãe, fonte de amor e amparo e aos meus sobrinhos Pedro, Juliah, Fernanda e Davi que me inspiram a ser uma pessoa melhor todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, meu Grande Herói.

À minha orientadora Prof. Dra. Marynelma Garanhani pela orientação, estímulo e por sempre transmitir seus conhecimentos com amor.

À minha coorientadora Prof. Emanuelle Sartori pela paciência, apoio e incentivo que foram fundamentais para a produção dessa monografia.

À minha mãe por estar sempre presente sendo fonte de amor e amparo.

À minha irmã Michelle por sempre acreditar em mim e ser minha maior incentivadora.

À Jacira pela amizade, acolhimento e suporte tão importantes durante os anos de graduação.

Aos proprietários do Petit Poá Buffet Infantil pelo apoio e acolhimento.

“O grande risco é não assumir nenhum risco. Em um mundo que muda, de verdade, rapidamente, a única estratégia com garantia de fracasso é não assumir riscos.”

Mark Zuckerberg

RESUMO

O estudo teve o objetivo de analisar como os pais compreendem o risco no brincar da criança durante festas de aniversário em um buffet infantil. Para isso foram utilizados estudos de Santos, Sarmiento, Le Breton, Bento e Sandseter como base teórica para o encaminhamento do estudo. Como Instrumento de pesquisa um formulário online gerado pelo Google foi utilizado. Este formulário foi preenchido por 24 pais convidados e/ou contratantes em um espaço destinado a festas infantis, localizado no município de Curitiba- PR. A análise de conteúdo foi usada como método de análise e foram levantadas 3 categorias temáticas, sendo elas, os **brinquedos**, os **sentimentos** e o **cuidado**. Nesse cenário, concluiu-se que os pais compreendem o risco no brincar a partir da idealização que fazem do comportamento das crianças no ambiente e suas competências diante dos desafios. Em relação aos brinquedos, conhecer a criança afetou a maneira como os pais reagiram aos riscos nas brincadeiras. Para os sentimentos, as percepções se mostraram afetadas pelas experiências particulares e subjetivas dos pais e a dimensão do cuidado foi entendida de diferentes maneiras, mas foi interpretada como busca pelo comportamento ideal das crianças naquele ambiente.

Palavra-Chave: Festa de aniversário. Brincar. Pais. Risco no brincar.

ABSTRACT

The study aimed at analyzing how parents understand the risk of children playing during birthday parties at a children's buffet. For this purpose, studies from Santos, Sarmiento, Le Breton, Bento and Sandseter were used as the theoretical basis for the study. As a search tool an online form generated by Google was used. This form has been filled out by 24 invited parents and/or contractors in a space destined for children's parties, located in the city of Curitiba-PR. The content analysis was used as a method of analysis and 3 thematic categories were raised, being them the **toys**, the **feelings** and the **care**. In this scenario, it was concluded that parents understand the risk in playing from idealization they make of the behavior, of children in the environment and their skills in the face of challenges. In relation to toys, knowing the child affected the way parents reacted to the risks in the games. For the feelings, the perceptions were affected by the particular and subjective experiences of the parents and the dimension of care was understood in different ways, but was interpreted as a search for the ideal behavior of children in that environment.

Key-words: Birthday Party. Play. Parents. Risk Play.

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 - BRINQUEDOS MENCIONADOS PELOS PAIS NA QUESTÃO 1 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS..... 38
- FIGURA 2 - RESPOSTAS RELACIONADAS A CAPACIDADE E HABILIDADE DAS CRIANÇAS PARA A QUESTÃO 1 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS..... 40
- FIGURA 3 - RESPOSTAS RELACIONADAS COM A IDADE DAS CRIANÇAS PARA A QUESTÃO 1 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS..... 41
- FIGURA 4 - NUVEM DE PALAVRAS SENTIMENTOS CONSTRUÍDA A PARTIR DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 2 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS..... 43
- FIGURA 5 - RESPOSTAS DA QUESTÃO 2 E 3 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS..... 44
- FIGURA 6 - RESPOSTAS DAS QUESTÕES 1 E 2 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS..... 46

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - RESPOSTAS DA QUESTÃO 3 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS.....	48
--	----

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – BRINQUEDÃO.....	26
IMAGEM 2 – PAREDE DE ESCALADA	27
IMAGEM 3 – BRINQUEDO TOMBO LEGAL.....	28
IMAGEM 4 – BRINQUEDO MINI RODA GIGANTE.....	29
IMAGEM 5 – FORMULÁRIO GOOGLE ONLINE.....	32
IMAGEM 6 – FORMULÁRIO GOOGLE ONLINE.....	33
IMAGEM 7 – ÚLTIMA QUESTÃO DO FORMULÁRIO GOOGLE ONLINE.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

UFPR - Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	CAPÍTULO I – VIVÊNCIAS DA INFÂNCIA: DA FESTA DE ANIVERSÁRIO AO BRINCAR ARRISCADO.....	13
2	CAPÍTULO II – O BRINCAR DO ADULTO PARA A CRIANÇA.....	19
2.1	AS INFÂNCIAS, AS CRIANÇAS E O BRINCAR.....	19
2.3	AS PERCEPÇÕES DE RISCO.....	22
3	CAPÍTULO III – DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA.....	25
3.1	O CONTEXTO DO ESTUDO: PETIT POÁ BUFFET INFANTIL.....	25
3.2	CONHECENDO OS SUJEITOS.....	30
3.3	RECOLHENDO DADOS PARA A PESQUISA.....	30
4	CAPÍTULO IV - O QUE NOS DIZEM AS CATEGORIAS TEMÁTICAS.....	37
4.1	CATEGORIA TEMÁTICA: OS BRINQUEDOS.....	37
4.2	CATEGORIA TEMÁTICA: OS SENTIMENTOS.....	43
4.3	CATEGORIA TEMÁTICA: CUIDADO.....	47
5	CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	56
	ANEXO 1 – TABELA COM AS UNIDADES DE CONTEXTO E REGISTRO... 	59

1 CAPÍTULO I – VIVÊNCIAS DA INFÂNCIA: DA FESTA DE ANIVERSÁRIO AO BRINCAR ARRISCADO

Um bolo e sobre ele algumas velas acesas, balões com a minha cor preferida formam um arco sobre as nossas cabeças, na mesa muitas guloseimas que gosto, mas não posso comer todos os dias. Olho ao redor e vejo rostos conhecidos olhando para mim enquanto cantam uma música que também não me é estranha.

Pela janela, observo a cama-elástica que minutos atrás estava quase cedendo com meus amigos e primos pulando sem parar sobre ela. No entanto, agora ela está vazia, pois todos me prestigiam. Lembro de me sentir importante nesse dia, pois mais do que presentes, eu recebia o carinho e atenção de todos.

Tais acontecimentos nos remetem a um marco em nossas vidas, que segundo Santos (2013), quando vividos na infância podem além de marcar a data de nascimento e o crescimento, situam a criança no mundo na medida em que a festa possibilita a confraternização com a família e seus pares. Além de desenvolver sua identidade, quando tem a possibilidade de escolher sobre o tema, guloseimas e demais detalhes da sua festa de aniversário.

Essas celebrações estão presentes pelo mundo e repletas de simbologias. Corroborando com as ideias de Diniz (2013) as festas celebram a vida, a passagem dos anos e o desenvolvimento social do indivíduo. Ainda segundo Mendonça (2018) podem ser traduzidas a grandes celebrações ou pequenos encontros de acordo com crenças, culturas e particularidades do aniversariante.

No entanto, Santos (2013) analisou experiências de aniversário para as crianças e percebeu que um dos seus alunos entrevistados não foi sincero quando afirmou que teria ganho dos pais uma festa em uma casa de festas com **tudo que tinha direito**, segundo a expressão do próprio aluno.

Porém, a autora era também professora daquele aluno e conhecia a sua realidade, sabendo então que a história não era real. A partir dessa situação, podemos perceber como “a experiência de aniversário tem sido cada vez mais atravessada por elementos da cultura midiática, atribuindo a comemoração um caráter de espetáculo” (SANTOS, 2013, p.168).

Ao conversar com seu aluno, a autora descobre que a família do menino optou por matriculá-lo em aulas de basquete ao invés de realizar uma festa. Em um primeiro momento a criança não havia se dado conta que aquela tinha sido a forma que a família havia encontrado para comemorar o seu aniversário, já que uma festa em Casas de Festas não é algo acessível a todas as classes sociais. O aluno após a conversa com a autora entendeu, e se mostrou ainda mais feliz do que quando fantasiou sobre sua experiência de aniversário em uma Casa de Festas.

Neste sentido, como explica Santos (2013), para a criança a comemorar o aniversário é uma forma de ser lembrada. Então, a comemoração pode estar traduzida a um passeio, um almoço, uma viagem, formas mais simples e acessíveis de celebrar o aniversário que para a criança terá o mesmo valor sentimental que uma festa.

Já para os pais com maior poder aquisitivo a festa tende a adquirir caráter de obrigação social no contexto contemporâneo urbano e capitalista. Fazer belas e grandes festas demonstra o status social das famílias e gera competição entre elas, como observa Santos (2013) em seu estudo.

As famílias que têm a possibilidade socioeconômica de realizar mega festas enfrentam alguns fatores que afetam a produção da festa em casa, fatores que permeiam em torno da falta de tempo dos pais para sua organização e a falta de espaço em residências típicas de metrópoles como retratam Santos (2013) e Caselani (2009).

Neste cenário, os buffets infantis ganham maior visibilidade e adeptos na atualidade (CASELANI, 2009). São espaços que disponibilizam todo o aparato de produtos e serviços para a produção da festa que variam desde a confecção dos convites, portfólio¹ com diferentes estilos e tipos de decoração, diferentes espaços de convívio para crianças e adultos, brinquedos cada vez mais atrativos, cardápio variado e serviços de garçons, monitores e recreadores. Tudo produzido e organizado pelos buffets, sem maiores preocupações aos contratantes.

Apesar de todo o esplendor oferecido pelos buffets, o que costuma prender a atenção das crianças e por consequência dos seus pais são os espaços pensados

¹ Conjunto ou coleção de decorações temáticas para festas infantis disponibilizadas pelos buffets para a escolha dos pais e/ou aniversariantes.

para o brincar, “os brinquedos estão tendo cada vez maior importância entre os itens indispensáveis para uma boa aceitação dos serviços do buffet” (CASELANI, 2009, p.77).

Nesse sentido, para Caselani (2009) os buffets buscam por brinquedos cada vez mais sofisticados, grandes, chamativos e variáveis com objetivo de prender a atenção das crianças e proporcionar a interação entre elas e os adultos durante as brincadeiras. Os brinquedos podem variar desde uma mini casinha multicolorida até versões simplificadas de brinquedos de parques de diversão como parede de escalada², barco viking³ e montanha russa⁴, por exemplo.

Ao pensar o aniversário na infância, elementos como a confraternização da criança com seus pares e o brincar, entendidos como práticas importantes para o seu desenvolvimento nesta fase, tendem a ser possibilitados por esses momentos de celebração.

O brincar segundo Girard et al (2004) é a **essência da infância** pois é brincando que a criança acessa novas possibilidades, cria, imita, imagina, interage e assim se desenvolve. A infância de acordo com Sarmiento (2004) configura-se como um processo de mudanças e aprendizado, no entanto “mantem-se como categoria social, com características próprias” (SARMENTO, 2004, p.7) e neste sentido as crianças são consideradas atores sociais criando e recriando sua própria cultura.

Segundo Kishimoto (2002, p.9) “o brinquedo, enquanto objeto ou situação será sempre um suporte para a criação e situação imaginária, não tem outra finalidade que seu próprio processo, que é o de representar e criar situações imaginárias”. Porém, a presença significativa dos brinquedos durante o brincar por serem objetos que ampliam a criatividade das crianças, podem trazer riscos para essa atividade.

Segundo Oliveira (2008) a criança tende estar mais suscetível a acidentes por conta da sua falta de experiência, atenção e fragilidade típicas dessa fase. Oliveira (2008) constatou durante sua pesquisa comportamentos de risco da criança

² Parede com obstáculos em que o participante deve agarrar para chegar ao topo.

³ Brinquedo eletromecânico de uso coletivo em forma de barco, que balança seus ocupantes de um lado para outro como se estivessem em auto mar. Utilizado em parques de diversão e oferecidos pelos buffets infantis em sua versão simplificada.

⁴ Estrutura de madeira ou aço, com diferentes designs de pista que transporta seus ocupantes dentro de um carrinho. Utilizada em parques de diversão e oferecidos pelos buffets infantis em sua versão simplificada.

em relação aos brinquedos e as outras crianças que brincam no mesmo brinquedo. Traduzidas em seu uso inadequado, a imitação de brincadeiras perigosas e a competição pelo brinquedo ou entre si, bem como características de risco nos brinquedos como ausência de barreiras físicas ao redor dos equipamentos por exemplo.

Assim, segundo Caselani (2009) a alta procura pelos brinquedos em buffets infantis fez com que os donos investissem em uma manutenção mais assídua nos brinquedos além da contratação de monitores, os quais são responsáveis por garantir o uso correto⁵ dos brinquedos e equipamentos de segurança pelas crianças, o que permite a segurança delas e a preservação do brinquedo.

Além disso, podemos observar os riscos como formas de experimentar desafios corporais, sendo isso uma característica da criança na busca pelo seu desenvolvimento durante a infância. Segundo Bento (2012, p.11) “o risco no brincar possui um importante papel no desenvolvimento da criança, respondendo à sua natural curiosidade e necessidade de estimulação”. Neste sentido quando ela tenta imitar os saltos das crianças mais velhas ou as cambalhotas do seu super herói preferido está ao mesmo tempo acessando novas possibilidades de movimentação.

O tema brincar arriscado me foi apresentado através de uma palestra ofertada pela disciplina Educação Física em Contextos Educativos I no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esse primeiro contato despertou o meu interesse pelo tema, pois me foram apresentadas questões que envolviam o brincar, a criança e seu desenvolvimento, áreas que particularmente me interessavam dentro da Educação Física.

Durante uma pesquisa sobre o tema no Google Acadêmico utilizando o termo **brincar arriscado**, encontrei apenas um estudo em português desenvolvido em Portugal que analisava as concepções de risco de um grupo de professoras de educação infantil. No estudo, Bento (2017) salientava a falta de estudos na área e a necessidade de compreender como os pais se comportavam em relação ao risco no brincar:

Os pais, neste contexto, tornam-se grandes incentivadores ou inibidores na hora de proporcionar momentos em que a criança tenha possibilidade de

⁵ O uso correto neste caso refere-se ao uso conforme o fabricante recomenda visando a maior durabilidade do brinquedo e/ou equipamento.

experimentar desafios corporais, como defende Bento (2017). No mesmo período da graduação, eu trabalhava já a quase cinco anos em um buffet infantil. Em boa parte desse tempo, exercia o cargo de monitora, ajudava as crianças enquanto brincavam nos brinquedos, cuidava para que não se machucassem e nem fizessem o mau uso dos equipamentos.

Em um dos meus dias de trabalho e com a temática do brincar arriscado em mente, pude mais do que trabalhar com as crianças durante a festa, passei a observar como elas se auto desafiavam e desafiavam-se entre si durante as brincadeiras. Além disso, pude prestar atenção em frases ditas pelos pais que outrora passavam despercebidas como *“Cuidado! Assim você cai”*, *“Não corre desse jeito, você vai se machucar!”*, *“Desce daí já! Você é muito pequena para ir nesse.”* Ou *“Vai filho, você consegue!”* e *“Se você subir nessa parede, ano que vem seu aniversário será aqui”*.

Ao tratar do brincar na atualidade, Neto (2017) faz um adendo em relação a conduta receosa dos pais na hora do brincar em situações onde a criança utiliza e explora mais o corpo, o que segundo o autor “restringe de forma muito significativa as suas aquisições motoras, emocionais e sociais” (NETO, 2017, p.10).

Nesse sentido, percebi o quão rico poderia ser aquele espaço para explorar o brincar arriscado, mais do que isso, aquele além de meu trabalho poderia ser o meu campo de estudo. O buffet infantil vem tornando-se parte da infância de algumas crianças enquanto espaços que viabilizam a festa de aniversário e a criança bem como aquilo que a envolve, nesse contexto, precisa ser estudada.

Além disso, para Spréa (2018) enquanto a criança brinca e experimenta o desconhecido ela se arrisca, assim “o risco chega a ser, em algumas situações, o componente mais elementar da brincadeira” (SPRÉA, 2018, p.21). Neste sentido, a necessidade de estudar a compreensão dos pais sobre o risco no brincar surge, dado o grau de influência que eles exercem na relação do brincar e a criança.

Diante disso surge a questão: como os pais compreendem o risco no brincar da criança? E, para responder tal indagação, realizei um estudo com o objetivo geral de analisar como os pais compreendem o risco no brincar da criança durante festas de aniversário em um buffet infantil.

Assim, apresento esse relatório da pesquisa que se organiza da seguinte forma:

- no Capítulo 1, intitulado **Vivências da infância: das festas de aniversário ao brincar arriscado**, fiz um panorama sobre festa de aniversário e o brincar na infância chegando até meu campo de estudo o buffet infantil, na sequência problematizei e apresentei o objetivo do tema de pesquisa.

- no Capítulo 2, intitulado **O brincar: do adulto para as crianças**, apresentei o referencial teórico para a pesquisa, sendo eles Santos, Caselani, Sarmiento, Bento e Sandseter.

- no Capítulo 3, intitulado **Desdobramentos da pesquisa**, apresentei os cenários em que a pesquisa foi se desdobrando, iniciando com as reuniões prévias para a discussão do tema até a contextualização do campo pesquisa e dos sujeitos, fiz ainda, um panorama acerca dos métodos para a recolha e análise dos dados.

- no Capítulo 4, intitulado **O que nos dizem as categorias temáticas** apresentei e analisei os dados produzidos, os discutindo a partir de três categorias temáticas, os **brinquedos**, os **sentimentos** e o **cuidado**.

- no Capítulo 5, intitulado **Considerações finais**, expus quais foram as minhas considerações finais diante da análise dos resultados.

2 CAPÍTULO II – O BRINCAR: DO ADULTO PARA A CRIANÇA

Neste capítulo, discorri sobre a infância e as distinções da fase que a fazem única para cada sujeito. Além disso, expus a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças e como o desafio configura-se nessa atividade, sendo os pais mediadores influentes no encontro enriquecedor da criança com as experiências desafiadoras.

2.1 AS INFÂNCIAS, AS CRIANÇAS E O BRINCAR

A infância é tempo de experimentar, aprender, receber apoio e amparo. Dessa maneira é como vivi minha infância e como anseio que todas as crianças possam experimentar essa fase.

No entanto, o mundo é muito maior que a minha realidade e acreditar que todas as infâncias se encaixam nesse modelo é no mínimo uma utopia. A diversidade presente no modo como as crianças vivem, onde moram, como se relacionam e com quem se relacionam afeta diretamente a infância e como ela é entendida. De acordo com Sarmiento (2004) a infância é categoria social em constante mudança e se diferencia a partir dos distintos contextos históricos, sociais, econômicos e geográficos em que ocorre, mas ainda assim, mantém suas próprias características.

Neste sentido, segundo Sarmiento (2004) as crianças são consideradas **atores sociais** construindo e reinventando seus próprios mundos sociais e culturais através das interações que estabelecem com seu meio, seus pares e com os adultos que as cercam. Ou seja, apesar de estarem inseridas no universo adulto elas criam suas próprias culturas, distintas entre si.

No entanto, apesar das infâncias apresentarem distinções elas também apresentam traços identificáveis, segundo Sarmiento (2004) as culturas da infância seguem quatro eixos estruturadores: a interatividade, a fantasia do real, a reiteração e a ludicidade.

Em linhas gerais, como explica Sarmiento (2004) a interatividade seria o conjunto de conhecimentos que a criança assimila enquanto interage com o mundo. A fantasia do real ou a imaginação, são importantes na construção das brincadeiras

que ressignificam o mundo para a criança, além de ajudá-la a enfrentar momentos não tão felizes que fazem parte de nossa vida.

A reiteração é o tempo próprio da criança, não o medido pelo relógio ou imposto pelos adultos, mas aquele em que ela pode reiniciar, acelerar, desacelerar ou simplesmente terminar de acordo as demandas da história que conta ou durante o desenrolar das brincadeiras.

Já o eixo ludicidade, é fundamental nas culturas infantis como defende Sarmiento (2004). O brincar é o que a criança faz de mais importante durante a infância, independente dos traços distintivos que cada infância apresente, por meio da brincadeira a criança se apropria de um conjunto de regras do mundo adulto e as ressignifica de acordo os seus questionamentos ou interesses (SPRÉA, GARANHANI, 2014).

Desse modo, o brincar já não pode ser compreendido apenas como uma simples forma de passar o tempo, de entretenimento sem quaisquer ganho, muito pelo contrário, é atividade de suma importância para o desenvolvimento de uma infância saudável, feliz e recheada de aprendizagens se acompanhada pelos adultos, considerados fonte de apoio em matéria de brincar.

2.2 O ADULTO E AS PROIBIÇÕES NO BRINCAR

O brincar é atividade fundamental de interação social, aprendizagem e desenvolvimento da criança durante a infância, para Sarmiento (2004, p.10) “o brincar é condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade”.

Nesse sentido, o brincar é aspecto geral das infâncias e torna-se um grande divisor de águas nesse período, a criança que brinca acessa inúmeras sensações tanto do mundo dos adultos como as criadas por elas mesmas em conjunto com seus pares, criando, recriando, enfrentando desafios e vivenciando atitudes e papéis que servirão de experimento para a vida adulta.

No entanto, as maneiras que a criança desenvolve o brincar se diferem diante das possibilidades de espaço, de brinquedos, de interação que lhe são ofertadas tanto na escola como em casa. Os adultos, nessa relação da criança com o brincar, tornam-se grandes mediadores no processo de desenvolvimento dessas atividades.

Durante as brincadeiras, as crianças se arriscam por novas experiências e desafios os quais as fazem evoluir em seu desenvolvimento e permitem que aprendam com os amigos, pais ou professores. Desse modo, segundo Spréa (2018, p.21) “o risco, chega a ser, em algumas situações, o componente mais elementar da brincadeira”.

Para Le Breton (2019) toda escolha é um risco. Segundo o autor, cotidianamente o risco é assimilado a um elemento negativo que ataca o equilíbrio que antes se instaura, no entanto os acontecimentos da vida humana tendem a beirar mais a imprevisibilidade do que o perfeito equilíbrio. Nesse sentido, a criança quando é permitida a brincar de maneira arriscada aprende desde logo a lidar com flexibilidade com seus tropeços.

Desse modo, “até onde a criança poderá se arriscar encampando experiências lúdicas e quantos constrangimentos será capaz de absorver, isso dependerá de suas escolhas e dos tipos de coerção social a que estará sujeita ao longo da infância” (SPRÉA, 2018, p.21). Assim, apesar do risco aparecer como resposta “à sua natural curiosidade e necessidade de estimulação” como salienta Bento (2012, p.11) o contato da criança com o risco é facilitado ou dificultado pelos adultos que a cercam.

Afinal, o modo como os pais se comportam e como se relacionam com seus filhos tem muita influência nos comportamentos que o sujeito assume ao longo da infância e na vida adulta, suas escolhas e predileções como explica o estudo de Weber et al (2003).

Bento (2012) baseado em Ball (2012), Stephenson (2003), Sandseter (2009) e Smith (1998) define o **brincar arriscado** como

uma oportunidade para as crianças testarem seus limites, assumirem desafios e experimentarem algo inédito, lidando com a possibilidade de perda ou dano (BALL, 2002, STEPHENSON, 2003). Ainda, o brincar arriscado pode ser definido como uma forma emocionante, assustadora e entusiasmante de brincar físico, que envolve incerteza e procura por aventura nas experiências do dia-a-dia (SANDSETER, 2010, SMITH, 1998 apud BENTO, 2012, p.11).

Dessa maneira, o brincar arriscado aparece como meio expressivo para o ganho de noções muito importantes para o desenvolvimento da criança em diversas áreas, através dele, no lugar de se esconder, a criança mantém contato com seus

medos e aprende com eles. Neste sentido Neto (2017, p.10) alerta “se as crianças não correm risco não podem aprender a viver”.

Segundo Sandseter (2007) as brincadeiras arriscadas podem ser divididas em seis categorias 1) brincar em grandes alturas (subindo em árvores, trepando pelos equipamentos com altura mais elevada), 2) brincar em velocidade (deslizar, balançar, corridas de bicicleta), 3) brincar com ferramentas perigosas (como facas, serras, machados, martelos e pregos), 4) brincar perto de elementos perigosos (como o fogo, na beirada de encostas ou perto de lagos), 5) brincadeiras de luta e perseguição e 6) brincadeiras onde a criança possa se perder ou desaparecer⁶.

Segundo Sandseter (2007) as crianças têm essência exploratória, isto é, procuram naturalmente por novos espaços, movimentos e desafios. Para a autora as ocasiões em que as brincadeiras arriscadas ocorrem estão ligadas a crianças que entediadas com o brinquedo, equipamento ou espaço disponibilizados para o brincar, buscam por novos desafios seja escorregando de maneiras diferentes pelo escorrega ou indo até uma parte desconhecida do parquinho, por exemplo. Ainda segundo ela, o risco em se machucar faz parte das brincadeiras arriscadas.

2.3 AS PERCEPÇÕES DE RISCO

Segundo Lima (1998) a percepção de risco é compreendida no entendimento que as pessoas têm sobre o risco, considerando o conjunto de crenças e valores que dão significado ao episódio ameaçador. De acordo com os estudos de Bento (2012) e Sandseter (2007) as percepções de risco são subjetivas e variam de acordo com a cultura, gênero, experiências anteriores além de poderem ser influenciadas pelas experiências, opiniões e sentimentos dos outros.

Diferenças apareceram nas concepções de risco em relação as categorias apresentadas por Sandseter (2007) principalmente entre as crianças e os funcionários das pré-escolas. Enquanto que para as crianças algumas atividades eram consideradas apenas divertidas e emocionantes, alguns funcionários se mostraram bem atentos aos riscos presentes, como subir por exemplo em pedras escorregadias durante um passeio a beira mar.

⁶ O estudo de Sandseter (2007) foi realizado em duas pré-escolas norueguesas, ambas com grande área verde a disposição dos alunos, com direito a passeios pela praia e floresta.

Em relação a essa diferença entre concepções de risco Le Breton (2019) explica:

(...) ao longo da existência, conforme a especificidade das situações, a passagem do tempo, os medos mudam, e muda também o cenário dos riscos. Os medos de um adolescente não são os mesmos do velho, os da mulher não são os mesmos do homem, os do desempregado não são os do trabalhador tampouco os do empresário (LE BRETON, 2019, p.42).

Bento (2012) em sua dissertação procurou analisar a percepção de risco no brincar de treze educadoras, todas mulheres, também de pré-escolas, entendendo a forte influência que elas exerciam nas atividades que as crianças experimentavam no tempo que passavam na escola.

O estudo foi realizado através de entrevistas e as brincadeiras arriscadas foram apresentadas por meio de imagens de acordo com as categorias de Sandseter (2007). Segundo Bento (2012) a maioria das educadoras entrevistadas deram maior importância as consequências negativas das brincadeiras arriscadas, algumas se quer haviam pensado em deixar que as crianças participassem daquelas atividades considerando-as muito perigosas.

Durante o estudo de Bento (2012) as educadoras reconheceram os possíveis ganhos no desenvolvimento das crianças através da vivência do risco, porém não acreditavam que valesse a pena, afinal, segundo as educadoras, para isso teriam que expor as crianças ao perigo. A autora ainda enfatiza, a tênue relação entre a insegurança das educadoras e a aceitação ou não pelos pais das atividades propostas por elas, pois há possibilidades de ocorrerem desentendimentos com os pais e com a instituição a partir disso.

Segundo o estudo de Bento (2012) dentre os benefícios das brincadeiras arriscadas estão a apreensão de competências para entender e gerir o risco de forma saudável, o entendimento da criança sobre suas capacidades e habilidades fora do plano teórico e através do teste real de seus limites, a vivência de atividades cujo o medo e as consequências atitudinais sejam evidenciadas e assim trabalhadas mais incisivamente. Além disso, segundo a autora ter facilidade em lidar com o risco promove na criança uma maior disponibilidade para enfrentar desafios em diferentes áreas da vida além do brincar, como na escola e em seus relacionamentos.

A escolha em experimentar brincadeiras arriscadas é da criança, mas a existência de diferentes níveis de influência, seja positiva ou negativa, dos adultos responsáveis por elas é evidenciada por estudos que discutem o tema

(SANDSETER, 2007, BENTO, 2012, SPRÉA, 2018). Somos influenciados pela educação que recebemos em maior ou menor grau em diferentes âmbitos e fases da vida. A infância é a primeira fase significativamente afetada por essa influência sendo os pais, grandes influenciadores.

3 CAPÍTULO III – DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA

A primeira reunião com a minha orientadora e coorientadora da pesquisa, aconteceu na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e ali iniciamos a primeira discussão sobre como o estudo seria desenvolvido. Conversamos sobre a escassez de estudos na área em âmbito nacional que envolvessem os pais/responsáveis e o brincar arriscado. O que faz com que, o estudo sobre a compreensão dos pais seja necessário à medida que os espaços educacionais precisam trabalhar em conjunto com as expectativas e inquietações dos pais principalmente em relação ao risco no brincar.

Além disso, alguns fatores preponderantes foram apontados em relação a realização de pesquisas com pais/responsáveis na escola. A pesquisa com eles poderia encontrar dificuldades em relação a falta de tempo e interesse por parte deles, não deixando de pensar no curto tempo que dispunha para conclusão dessa pesquisa. Mesmo assim, optei por estudar os pais e o brincar arriscado.

No mesmo período eu trabalhava em um buffet infantil, pude perceber que alguns equipamentos, elementos e a própria dinâmica do espaço possibilitavam o brincar arriscado e estar nesse ambiente facilitava a interação tanto com as crianças como com os pais. Durante uma reunião levei até minha orientadora e coorientadora a possibilidade de tornar o buffet infantil meu campo de estudo e percebi que o estudo sobre a criança e o que a envolve, definitivamente não se restringe ao âmbito escolar.

Diante disso, apresento nesse capítulo as etapas de construção, o contexto investigado e os sujeitos da pesquisa.

3.1 O CONTEXTO DO ESTUDO: PETIT POÁ BUFFET INFANTIL

O Petit Poá Buffet Infantil era um espaço para a realização de festas infantis que incluíam aniversários, chá de bebês e formaturas de pré-escolas. As festas que ali aconteciam, duravam de três a quatro horas em média e comportavam o número máximo de cem pessoas por evento. O espaço estava localizado no bairro Pinheirinho em Curitiba no Paraná e existia há cinco anos.

O buffet oferecia dois tipos de pacotes para locação, o pacote Petit Poá Amarelo e o Azul. Em ambos, toda a estrutura em termos de mesas, espaços de

convívio, estacionamento, garçons, monitores e brinquedos estavam incluídos. O que difere é o tipo de cardápio, as horas de festas e alguns acréscimos em relação à decoração do espaço – como o arco de bexigas que fica em frente à entrada principal por exemplo, sendo o pacote amarelo mais econômico.

O espaço possuía dois andares, no térreo estavam dispostas as mesas para os convidados por todo o salão e no centro ao fundo a mesa com a decoração principal. O buffet oferecia um portfólio com diferentes tipos de decoração e fornecedores com o objetivo de alcançar os mais variados tipos de público.

Os brinquedos estavam dispostos pelas laterais das mesas e pelo mezanino, espaço no segundo andar destinado para jovens e adultos com sinuca, tv e vídeo games. Os brinquedos eram imóveis e a manutenção era feita periodicamente.

Dentre esses brinquedos, podemos citar o Brinquedão uma estrutura colorida e totalmente revestida de espuma anti impacto com dois andares que ficava no primeiro andar ao lado esquerdo. Para subir no brinquedo, a criança teria que trepar até o segundo andar, lá ela precisaria se arrastar passando por obstáculos até a escada que levava ao escorrega, ao passar pelo escorrega a criança entrava na piscina de bolinha. Acoplada ao Brinquedão estava a mini cama elástica. Não havia idade mínima e apenas crianças até doze anos de idade poderiam aproveitar o brinquedo.

Na Figura 1 o Brinquedão, sua estrutura colorida chamava a atenção das crianças, algumas ao chegar no segundo andar precisavam de ajuda para encontrar o trajeto até a saída.

IMAGEM 1 – BRINQUEDÃO



FONTE: Foto cedida pelos proprietários do buffet (2020)

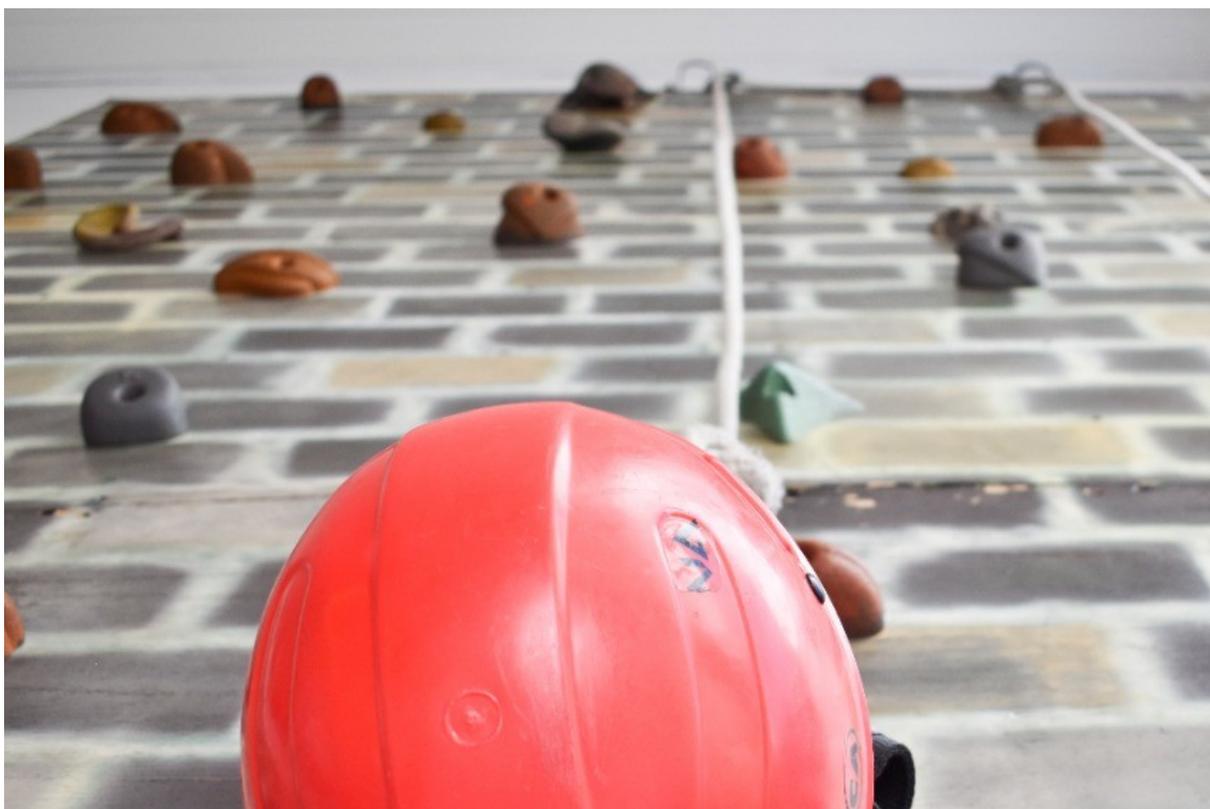
Ao lado do Brinquedão ficava a Casinha, com cozinha e área com fantasias além de cavalinhos dispostos pelo espaço para crianças menores. Em seguida, a

área baby, um espaço com tv a cabo também todo revestido de espuma e mini piscina de bolinha própria para bebês.

Já ao lado direito estava a Parede de Escalada, ela ia do chão até o teto do buffet e tinha seis metros de altura, para ir ao brinquedo a criança precisava estar acompanhada de um monitor responsável por colocar o cinto de segurança e operar a corda que a sustentava. Apenas uma criança por vez poderia subir, não havia idade mínima estabelecida pelo buffet, bastava que o cinto servisse de forma ajustada e confortável. O cinto tinha fivela de ajuste e geralmente servia em todos os tamanhos, sendo o peso máximo permitido oitenta quilos.

Na Imagem 2 a Parede de Escalada, o brinquedo era bastante apreciado pelas crianças que ao chegar ao topo, gritavam entusiasmadas a procura dos seus pais.

IMAGEM 2 – PAREDE DE ESCALADA



FONTE: Cedida pelos proprietários do buffet (2020)

O próximo brinquedo também ao lado direito era o Tombo Legal, uma piscina de bolinhas que possuía um acento móvel a mais ou menos um metro de

altura. Quando a criança se sentava e alguém acertava a bolinha no alvo ela caia na piscina de bolinha. Também não havia idade mínima, apenas máxima que era até doze anos.

Na Imagem 3 o brinquedo Tombo-Legal, nele as crianças e os adultos poderiam brincar juntos.

IMAGEM 3 – BRINQUEDO TOMBO-LEGAL



FONTE: Foto cedida pelos proprietários do buffet (2020).

O último brinquedo do primeiro andar era a Mini Roda Gigante, estrutura com três assentos com travas, que giravam sob o mesmo eixo a uma velocidade constante e relativamente baixa. Esse brinquedo era apenas para crianças até três anos.

Na Imagem 4 a Mini Roga Gigante, as crianças menores ficavam encantadas com as luzes que piscavam enquanto as nuvens giravam, mas muitas se assustavam e choravam quando experimentavam o brinquedo.

IMAGEM 4 – BRINQUEDO MINI RODA GIGANTE



FONTE: Foto cedida pelos proprietários do buffet (2020)

Durante todo o evento os brinquedos ficavam à disposição das crianças, que poderiam entrar e sair quantas vezes quisessem. O buffet disponibilizava dois monitores por festa, que eram diretamente responsáveis por ajudar as crianças e cuidar da dinâmica das brincadeiras e dos brinquedos, evitando possíveis conflitos ou acidentes. Porém toda a equipe, sejam os garçons, a recepcionista e os gerentes eram orientados a sempre observar e cuidar das crianças, afinal era um espaço destinado a elas e em alguns eventos a concentração de crianças chegava a ser maior que a de adultos.

3.2 CONHECENDO OS SUJEITOS

Os sujeitos eram pais e mães de crianças que já participaram de algum evento no Petit Poá Buffet Infantil e que se propuseram a responder o formulário online de opinião. Os sujeitos apresentaram uma média de trinta e três anos de idade. Sendo 2 pais e 22 mães.

3.3 RECOLHENDO DADOS PARA A PESQUISA

Já conhecendo o contexto, um estudo piloto buscou compreender como pais e mães de crianças que frequentavam o buffet durante festas de aniversário se comportavam diante do brincar arriscado. O estudo perdurou por dois dias e teve que ser interrompido devido a pandemia do COVID-19⁷. Para o estudo não mencionei as palavras *risco* e *perigo* em nenhum momento, entendendo que essas palavras poderiam ser interpretadas com conotações negativas quando referenciadas ao brincar, corroborando com Le Breton que ao tratar da atual busca incansável por segurança afirma “risco, agora, é sinônimo de ameaça” (LE BRETON, 2019, p.36).

A partir de minhas observações durante as festas cheguei as seguintes questões **1 Qual brinquedo você considera mais desafiador para seu filho? Por que?** e **2 Se ele quisesse ir na parede de escalada, como se sentiria?**

⁷ Doença respiratória de fácil contágio que pode causar a morte, o que levou a Organização Mundial da Saúde a decretar, no dia 11 de março de 2020, estado de pandemia.

A segunda questão surge devido a frequência em que o brinquedo Parede de Escalada foi considerado desafiador pelos pais durante nossas primeiras conversas ainda na parte exploratória do estudo.

Com essas questões tive a oportunidade de conversar com duas mães convidadas que observavam seus filhos enquanto eles brincavam durante uma festa de aniversário, anotei os pontos mais relevantes das respostas no celular. Posteriormente, analisando as respostas e em conversa com minha coorientadora, decidi acrescentar a questão **3 Quais os cuidados que os pais devem ter com seus filhos durante festas em buffets infantis?** com vista a encontrar melhores respostas para minha pergunta norteadora.

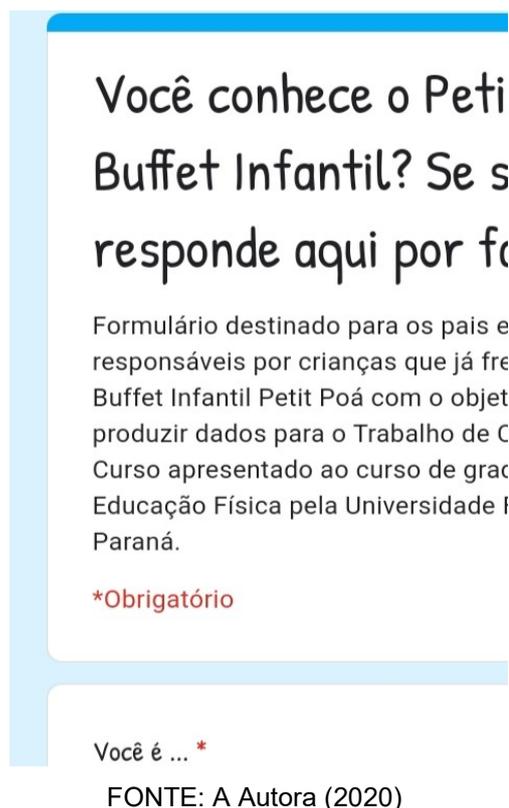
Conseguí no segundo dia de entrevistas mais seis pessoas sendo três mães e quatro pais todos convidados, que cuidavam dos filhos enquanto aproveitavam o momento de interação com a família.

Com a interrupção da produção de dados, devido ao fechamento do buffet e já tendo contato com a ferramenta do Google para formulários online na disciplina Metodologia da Pesquisa durante a graduação, optei por utilizar esse formulário online de opinião. Sendo que, o programa Formulários Google auxilia na criação, armazenamento e envio de formulários online.

Por meio dele organizei um formulário online de opinião reestruturando as minhas questões do estudo piloto e adicionando três novas questões adequadas para a modalidade online, já que não teria contato direto com o entrevistado, a primeira sobre o grau de parentesco do adulto entrevistado e a criança, a segunda sobre a idade de quem estava respondendo ao formulário e a terceira sobre a idade da criança. O formulário foi compartilhado por mim em minhas redes sociais e em grupos do Whats App, além de ser compartilhado pelos proprietários do buffet nas páginas oficiais do espaço no Facebook e Instagram.

As Imagens 5, 6 e 7 apresentam as questões do Formulário Google Online.

IMAGEM 5 – FORMULÁRIO GOOGLE ONLINE



Você conhece o Petit Buffet Infantil? Se sim, responda aqui por favor

Formulário destinado para os pais e responsáveis por crianças que já frequentam o Buffet Infantil Petit Poá com o objetivo de produzir dados para o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná.

***Obrigatório**

Você é ... *

FONTE: A Autora (2020)

A imagem 5 era a primeira página que os interessados em responder o formulário se deparavam ao acessar o link, nela havia uma sucinta explicação sobre a pesquisa, suas intenções e para quem o formulário se destinava. A seguir mais imagens das questões presentes no formulário.

IMAGEM 6 – FORMULÁRIO GOOGLE ONLINE

Qual é a idade do(a) seu/sua filho(a)? *

Sua resposta

Qual é a sua idade? *

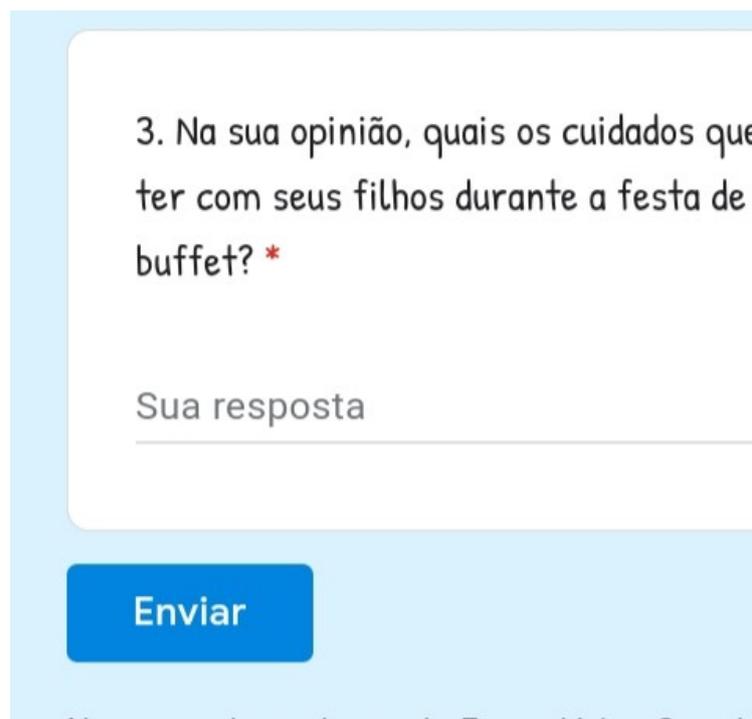
Sua resposta

1. No buffet, qual brinquedo considerar para o seu/sua filho(a)? Por que? *

FONTE: A Autora (2020)

Na imagem 6, as questões e os espaços destinados para suas respectivas respostas, sendo apenas a primeira de múltipla escolha e as outras cinco de resposta breve. A Imagem 7 apresenta a última questão do formulário.

IMAGEM 7 – ÚLTIMA QUESTÃO DO FORMULÁRIO

A screenshot of a Google Form question. The question text is "3. Na sua opinião, quais os cuidados que ter com seus filhos durante a festa de buffet? *". Below the question is a text input field with the placeholder "Sua resposta". At the bottom of the form is a blue button with the text "Enviar".

3. Na sua opinião, quais os cuidados que ter com seus filhos durante a festa de buffet? *

Sua resposta

Enviar

FONTE: A Autora (2020)

As questões eram todas de cunho obrigatório e anônimo e as respostas ficavam seguras armazenadas no próprio programa Formulários Google. Totalizando 25 respostas ao formulário, onde uma teve que ser desconsiderada por não contribuir com o objetivo do estudo.

A interpretação dos dados produzidos ocorreu por meio da análise de conteúdo, um método de análise de dados qualitativos proposto por Laurence Bardin (1997) em seu livro *Análise de Conteúdo*.

Para isso, algumas etapas foram seguidas, sendo que, para Bardin (1997) a primeira etapa da análise é a **pré-análise**, fase de organização dos documentos dividida, entre outros procedimentos, em **leitura flutuante** que segundo a autora “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 1997, p.64).

Assim, com as respostas obtidas através do formulário online em mãos, realizei a leitura flutuante levando em consideração o que mais aparecia na fala dos pais, as palavras mais mencionadas e o que mais chamava a minha atenção, assim cheguei as primeiras hipóteses da pesquisa.

A **hipótese** para Bardin (1997) “é uma afirmação provisória que nos propomos verificar (confirmar ou infirmar), recorrendo aos procedimentos de análise” (BARDIN, 1997, p.65 grifo da autora) e o próximo passo para a análise de conteúdo.

Ao ler e reler as respostas observei que a permissão dos pais para que a criança explore o ambiente e corra determinados riscos, está atrelada a segurança do espaço e equipamentos e a presença contínua de um adulto responsável, pai ou monitor. E que, quanto mais nova a criança é, para os pais, menos aptidão ela dispõe para dominar o espaço. Além disso, muitas crianças juntas no mesmo espaço exigem cuidados dos adultos, principalmente dos pais, no entanto, monitores também foram mencionados, no sentido de observá-las e orientá-las para que não ocorra nenhum incidente.

Após formular hipóteses, segundo Bardin (1997) os dados precisam ser codificados, isto é, **codificação**:

corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto que podem servir de índices (...) (BARDIN, 1997, p.67)

Para a etapa de codificação existem dois conceitos básicos: a unidade de contexto e a unidade de registro. A **unidade de contexto** é onde a unidade de registro está inserida e tem como intuito fornecer informações claras sobre seu contexto, segundo Bardin (1997) “serve de unidade de compreensão para a unidade de registro e corresponde ao segmento da mensagem cuja as dimensões (...) são ótimas para que se possa compreender a significação exata da unidade de registro” (BARDIN, 1997, p.69).

Desse modo, a unidade de contexto são as respostas de três perguntas do formulário online de opinião, sendo elas:

1. No buffet, qual brinquedo considera mais desafiador para seu filho?

Por que?

2. Se seu filho quisesse ir na parede de escalada como se sentiria?

3. Na sua opinião, quais os cuidados que os pais devem ter com seus filhos durante festas de aniversário no buffet?

A **unidade de registro** corresponde aquilo que o pesquisador vai prestar atenção em seu documento de análise para responder seu objetivo de pesquisa, ou

pelas palavras de Bardin (1997), “é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento do conteúdo considerado unidade base, visando a categorização e a contagem frequencial” (BENTI, 1997, p.68). Assim, a unidade de registro nesta pesquisa são as palavras ou frases destacadas das respostas, que trarão contribuições para a análise de acordo com a categorização.

Segundo Bardin (1997) após a codificação dos dados, o passo seguinte é categorizá-los, isto é, “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação, e em seguida, por reagrupamento, segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1997, p.74).

Surgiram então, três categorias temáticas, desenvolvidas por meio da análise das unidades de contexto e registro, sendo elas Brinquedo, Sentimentos e Cuidado.

A categoria temática **Brinquedos** compreendia, dentre os brinquedos do buffet já mencionados, os brinquedos que segundo os pais eram os mais desafiadores para seus filhos e a justificativa apresentada por eles para tal escolha.

A categoria temática **Sentimentos** referia-se aos sentimentos mencionados pelos pais ao serem questionados sobre a participação de seus filhos no brinquedo parede de escalada além da justificativa para a escolha desse sentimento.

A categoria temática **Cuidado** tratou de apresentar os sentidos que os pais atribuíam ao cuidado dentro do buffet infantil durante as festas em que participaram e as estratégias que assumiram para garantir que tal cuidado fosse efetivado.

4 CAPÍTULO IV – O QUE NOS DIZEM AS CATEGORIAS TEMÁTICAS

Neste capítulo apresentei e analisei os dados produzidos, discutindo as respostas dadas pelos pais ou responsáveis a partir de três categorias temáticas, os Brinquedos, os Sentimentos e Cuidado.

4.1 CATEGORIA TEMÁTICA: BRINQUEDOS

No espaço do buffet infantil, as mesas que acomodavam os convidados durante as festas eram dispostas pelo centro, os brinquedos ficavam ao redor das mesas formando um corredor lateral voltado para o trânsito das crianças entre um brinquedo e outro.

Essa disposição permitia que os adultos, enquanto se alimentavam e conversavam, observassem as crianças transitando pelo espaço ou dentro dos brinquedos que pela sua estrutura e objetivo, poderiam vir a ser considerados mais ou menos arriscados a partir da compreensão dos pais.

Diante disso, na figura 1 apresento a contabilização das respostas dadas pelos pais à pergunta que procurou instigar as respostas sobre os brinquedos considerados desafiadores.

FIGURA 1 – BRINQUEDOS MENCIONADOS PELOS PAIS NA QUESTÃO 1 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS.



FONTE: A Autora (2020)

Na figura 1, os brinquedos foram organizados com o respectivo número de menções sendo que, a resposta R12 teve de ser contabilizada para três brinquedos, a Parede de Escalada, o Brinquedão, e a Mini Roda Gigante, pois foi composta apenas pela expressão **os de altura**, logo os 3 brinquedos se enquadraram nessa resposta. Já, na resposta R13, a mãe optou pela Mini Roda Gigante e pela Área de Jogos, contabilizando dois brinquedos em uma única resposta.

Dentre as 24 respostas obtidas, 13 apresentaram justificativas para a escolha do brinquedo. Para a Parede de Escalada as justificativas se apoiavam na pouca idade, nas capacidades e habilidades das crianças e altura elevada do brinquedo. Para o Brinquedão as justificativas apontaram para a altura elevada e presença de obstáculos dentro do brinquedo.

No estudo de Sandseter (2007) o brincar em altura elevada aparece entre as categorias do brincar arriscado, mais do que isso, a escalada é apontada como a forma mais frequente de experimentar o risco no brincar e as crianças demonstram

grande interesse pela prática, seja a escalada por rochas, pequenas encostas e até mesmo brinquedos com altura elevada ou próprios para a escalada.

Porém, o risco para as crianças e os funcionários da pré-escola que participaram da pesquisa de Sandseter (2007) não estava no ato de subir e alcançar altura elevada, mas sim do provável salto ou a probabilidade de se desequilibrar e cair ocasionando acidentes e possíveis machucados.

No Petit Poá Buffet Infantil, a Parede de Escalada só poderia ser utilizada pelas crianças quando acompanhadas de um monitor e utilizando o cinto de segurança. Nesse sentido, o risco da ocorrência de possíveis acidentes não estava ligada à altura elevada do brinquedo, pois o uso de devidos equipamentos garantiam a segurança das crianças, e sim a conduta e administração do adulto monitor responsável pelo brinquedo.

No estudo de Bento (2012) a supervisão ou presença de um adulto influenciava frequentemente a percepção de risco das educadoras quando indagadas sobre a possível adoção de brincadeiras arriscadas em seu cotidiano escolar. A utilização de materiais que promovem a segurança como roupas e calçados confortáveis, capacetes, joelheiras e luvas também apareciam na fala das educadoras como aspecto que reduziria os riscos.

Para Barreiros (2015) as crianças devem desenvolver ainda na infância a “consciência de risco” (BARREIROS, 2015, p.2), isto é, aprender através de experiências com as margens de risco elevadas a se comportar com segurança, entendendo seus limites de ação dentro da atividade. Para o autor, os adultos que a cercam têm um importante papel nesta tarefa, que deve começar em casa e se estender para os outros ambientes que ela tem acesso.

Assim, o comportamento que os pais e principalmente o monitor adquiria diante da Parede de Escalada, no sentido de fornecer dicas e informar sobre o que é permitido ou não para escalar, a atenção que o monitor teria com os movimentos da criança durante a brincadeira e a atenção que a criança adquiriria por meio dessa interação poderiam interferir na forma como ela experimentava o brincar arriscado.

Algumas justificativas apontaram para as capacidades e habilidades físicas das crianças, sendo que as “capacidades físicas são condições biológicas que temos e são desenvolvidas no contexto histórico-cultural em que vivemos” (GARANHANI, NADOLNY, 2015., p.279) sendo a coordenação uma capacidade física segundo as autoras. As justificativas dadas pelos pais apontaram

principalmente para a falta de coordenação das crianças, que segundo eles tornava a escalada desafiadora para seus filhos, pois as crianças não teriam desenvolvido essa capacidade física.

A habilidade motora entendida como as “condições sócio-culturais que adquirimos por meio de aprendizagens e, conseqüentemente, ao adquiri-las desenvolvemos nossas capacidades” (GARANHANI; NADOLNY, 2015., p.279) presentes nos movimentos certos em direção ao alvo no Tombo-Legal ou de locomoção pelos obstáculos do Brinquedão também foram citados.

A Figura 2 apresenta as respostas para a questão 1 que trouxeram nas justificativas ideias relacionadas a capacidade e habilidade das crianças.

FIGURA 2 – RESPOSTAS RELACIONADAS A CAPACIDADE E HABILIDADE DAS CRIANÇAS PARA A QUESTÃO 1 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DOS PAIS.

RESPOSTAS	
R4	Tombo-Legal. Acerto de mira
R7	Parede de Escala. Pela altura e pela dificuldade de coordenação motora do meu filho
R11	A escalada, ela ainda não tem coordenação motora para subir
R16	O Brinquedão, por ser grande e ter vários obstáculos
R23	Labirinto. Gosta de explorar

FONTE: A Autora (2020)

De acordo com as respostas é perceptível que o modo como os pais compreendem o desafio para seus filhos é variável, para alguns o risco físico é determinante para a escolha do brinquedo já outros levam em consideração as capacidades e habilidades físicas das suas crianças.

Segundo os dados coletados por Bento (2012) em entrevistas com as educadoras de infância, “o conhecimento que as educadoras possuem sobre as crianças foi identificado como um aspecto importante, que pode influenciar a decisão do adulto em relação a permissão/proibição de determinadas experiências de risco” (BENTO, 2012, p.41).

Em relação aos pais e de acordo com a análise de suas respostas, o conhecimento que eles possuíam sobre os comportamentos, capacidades e

habilidades dos seus filhos diante das vivências que experienciam junto deles tendiam a influenciar suas permissões e restrições na hora do brincar.

A Figura 3 apresenta as respostas para a questão 1 em que as justificativas estão apoiadas na idade, sendo que segundo os pais, crianças mais velhas já não encontravam muitos desafios nos brinquedos ou seus desafios não eram os mesmos de crianças menores.

FIGURA 3 – RESPOSTAS RELACIONADAS COM A IDADE DAS CRIANÇAS PARA A QUESTÃO 1 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS

RESPOSTAS	
R10	Para o mais velho nenhum
R13	O menor a roda gigante, o maior a área de jogos
R19	Hoje em dia nenhum, porque ele já está com 9 anos

FONTE: A Autora (2020)

Segundo Tavares (2011) a combinação das dimensões do corpo e comportamento motor “influenciam o modo como as crianças percebem e agem no mundo” (TAVARES, 2011, p.10). Isto é, o biotipo corporal da criança somado as suas habilidades motoras refletem nos tipos de esportes e brincadeiras que elas escolhem.

Nesse sentido, a idade não é fator limitante ou potencializador para que a criança desenvolva sua percepção de risco, mas sim, as experiências que ela vivência e o modo como é instruída a lidar com os desafios que aparecem. Segundo Barreiros (2015):

O comportamento é, pelo menos em parte, externamente determinado e que organismos mesmo muito jovens são capazes de distinguir o que é e o que não é possível numa dada condição ambiental e, de acordo com isso, escolher comportamentos compatíveis com essas condições (BARREIROS, 2015, p.5)

A criança quanto menor é, mais necessita de cuidados e atenção. No entanto, nós nascemos com sede pelo que é novo procurando aprender cada vez mais em busca de nossa própria sobrevivência. Os pais nesse contexto, mais do que possibilitar que as demandas vitais sejam atendidas, poderiam possibilitar que diferentes experiências fossem vividas através das brincadeiras arriscadas e com isso contribuiriam para o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos seus filhos.

Corroborando com Barreiros (2015) para Le Breton (2019) desde os primeiros anos de vida a criança procura proteger-se dos perigos que encontra, porém é através dos conselhos que recebe e das experiências desafiadoras que tem acesso que ela aprende a agir com segurança.

Na R17 uma mãe com filho(a) de quatro anos optou pela Parede de Escalada como brinquedo mais desafiador, devido à altura elevada. Já na R21 outra mãe com o filho(a) da mesma idade colocou que nenhum dos brinquedos do buffet poderiam ser considerados desafiadores para sua criança, mas sim divertidos.

Outras respostas levavam em consideração a idade das crianças para justificar a escolha do brinquedo no entanto demonstraram diferenças entre si, como no caso da R19 onde a mãe acreditava que nenhum dos brinquedos poderiam desafiar seu filho já com nove anos de idade, em contraposição a ideia, na R5 um pai optou pela Parede de Escalada como um brinquedo desafiador para seu filho(a) de doze anos.

As diferenças presentes nas respostas cuja as justificativas envolvem a idade das crianças ilustram como a percepção de risco varia de pessoa para pessoa. Para Tavares (2011) a percepção de risco é subjetiva e está ligada a voluntariedade ou não ao risco, isto é, se o sujeito quis estar em contato com o risco ou foi obrigado, se o sujeito já está habituado ao risco ou não e se tem controle sobre ele ou não.

A altura dos brinquedos e a idade das crianças serviram de base para que os pais escolhessem entre os brinquedos. A forma variável que os pais compreenderam o desafio de acordo com as especificidades de seus filhos também ficou evidente, demonstrando que a suas concepções de risco eram influenciadas pela forma como enxergavam seus filhos, isto é, as capacidades e habilidades que acreditavam que seus filhos possuíam.

4.2 CATEGORIA TEMÁTICA: SENTIMENTOS

Para Le Breton (2009b) os sentimentos são construções resultantes da combinação entre sensações corporais, gestos e de significados culturais apreendidos em sociedade. No entanto, também tendem a sofrer influência da interpretação e sensibilidade individual, por isso variam de pessoa para pessoa de acordo com a sua cultura, valores subjetivos, interações sociais e experiências anteriores.

Os sentimentos dos pais em relação a possível escolha dos seus filhos em experimentar a Parede de Escalada, obteve 23 respostas. Os sentimentos descritos variam desde o medo, a apreensão e o frio na barriga até a tranquilidade, felicidade e orgulho.

As justificativas para a escolha dos sentimentos permearam em torno da segurança e familiaridade com as experiências das crianças no brinquedo. O medo, a falta de coragem e a pouca idade das crianças também influenciaram a escolha dos pais.

A nuvem de palavras (Figura 4) foi composta pelos sentimentos escolhidos pelos pais nas respostas a questão 2.

FIGURA 4 – NUVEM DE PALAVRAS SENTIMENTOS CONSTRUÍDA A PARTIR DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO 2 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS.



FONTE: A Autora (2020)

Na nuvem de palavras apareceu a palavra aflita que na resposta R2 a mãe de uma criança de um ano utilizou para descrever seu sentimento imaginando seu filho(a) subindo pela Parede de Escalada. Pois, segundo ela, a criança não teria idade suficiente e mesmo se tivesse o brinquedo seria perigoso. Já na R8, outra mãe com filho(a) de onze meses respondeu que quando ele(a) fosse maior a experiência no brinquedo não seria considerada um problema para ela.

A Figura 5 apresenta as respostas para as questões 1 e 2 do formulário online em que os sentimentos escolhidos também partiram da avaliação subjetiva dos pais, e demonstraram diferenças no modo como encararam a experiência dos filhos na Parede de Escalada.

FIGURA 5 – RESPOSTAS DAS QUESTÕES 1 E 2 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS.

PAI (R5)
IDADE DA CRIANÇA: 12 ANOS
BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR: ESCALADA
SENTIMENTO DESCRITO: APREENSIVO
PAI (R6)
IDADE DA CRIANÇA: 5 ANOS
BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR: PAREDE DE ESCALADA, POIS DESAFIA O EQUILÍBRIO, A FORÇA FÍSICA E O MEDO DE ALTURA
SENTIMENTO DESCRITO: TRANQUILO
MÃE (R17)
IDADE DA CRIANÇA: 4 ANOS
BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR: ESCALADA, PELA ALTURA
SENTIMENTO DESCRITO: TRANQUILA, VOU ESTAR PERTO E DANDO FORÇA PARA QUE ELE CONSIGA SE DIVERTIR
MÃE (R23)
IDADE DA CRIANÇA: 5 ANOS
BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR: PAREDE DE ESCALADA
SENTIMENTO DESCRITO: ELE NÃO TEM CORAGEM AINDA

FONTE: A Autora (2020)

Segundo o autor Le Breton (2009a) a percepção de risco, assim como os tipos de sentimentos, “implica forte conotação afetiva e a intervenção de um discurso social e cultural. O medo está menos ligado à objetividade do risco que aos imaginários induzidos” (LE BRETON, 2009a, p.16). Nesse sentido, a maneira como os sujeitos se comportam e lidam com o risco depende da avaliação que está intimamente ligada às experiências prévias.

As respostas demonstraram que a avaliação do risco em relação a faixa etária das crianças era relativa entre os pais, enquanto que crianças pequenas poderiam ser estimuladas a participar da atividade de escalada como no caso da resposta R17, a experiência de crianças maiores ainda poderia causar sentimentos de apreensão para seus pais, como no caso da resposta R5. No entanto, não existem regras para tal determinação, a visão dos pais era particular independentemente da idade das crianças.

O risco segundo Le Breton (2009a) tem caráter negativo e é muitas vezes associado a perigos, acidentes e desastres, no entanto, a modernidade trouxe outra significação ao termo, tornando-se essencial compreendê-lo para pensar a juventude e suas práticas. O apoio dos pais sempre foi imprescindível para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, em relação ao risco não é diferente, o suporte e a atenção deles contribuem para que o contato com risco por meio das brincadeiras torne-se um momento rico em aprendizagem.

Na Figura 6 as respostas para as questões 1 e 2 do formulário online são apresentadas e demonstraram como a familiaridade com a experiência em observar seus filhos escalando interferiu nas respostas dos pais.

FIGURA 6 – RESPOSTAS DAS QUESTÕES 1 E 2 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM FESTAS DE ANIVERSÁRIOS INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS.

MÃE (R4)
IDADE DA CRIANÇA: 4 ANOS
BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR: TOMBO-LEGAL, ACERTO DE MIRA
SENTIMENTO DESCRITO: TRANQUILA. ELE JÁ FOI ANTES, GOSTA BASTANTE, ME SENTI INSEGURA APENAS NA PRIMEIRA VEZ
MÃE (R11)
IDADE DA CRIANÇA: 3 ANOS
BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR: A ESCALADA, ELA AINDA NÃO TEM COORDENAÇÃO PARA SUBIR
SENTIMENTO DESCRITO: INSEGURA

FONTE: A Autora (2020)

Para Le Breton (2009b) os sentimentos descritos por um sujeito são fruto de sua relação com o objeto ou situação, assim podem sofrer alterações ao longo do tempo diante de novas experiências. Ainda, em relação a percepção de risco para Moura e Soares (2014) a familiaridade com a experiência tende a proporcionar uma diminuição do risco percebido, o que pode explicar o porquê do medo e a insegurança dos pais, presente nas primeiras vezes, serem transformados em sentimentos de confiança e segurança em relação a Parede de Escalada.

No entanto, mesmo que haja familiaridade com a experiência, alguns pais poderiam demonstrar insegurança durante a escalada dos filhos por não os considerarem aptos para a atividade como no caso da resposta R11.

Essa disparidade no modo como os pais compreenderam o desafio para seus filhos demonstrou como essa temática é subjetiva para os sujeitos. Não existem parâmetros claros para determinar o desafio, cada pai encara a experiência com risco para seus filhos de um modo diferente.

Na R14 uma mãe com filho de sete anos sentiu-se tranquila com a escalada, porém, segundo ela, a criança demonstrou muito medo e acabou desistindo da atividade. De acordo com a ideia de Le Breton (2009a) a percepção de risco é fruto do imaginário do sujeito, sua “medida pessoal do perigo” (LE BRETON, 2009a, p.17), ou seja, apesar de ser afetada pelas representações sociais e culturais é ao mesmo tempo muito pessoal pois configura-se a partir de suas experiências anteriores e o modo como as percebe.

Nesse sentido, a subida pela Parede de Escalada foi visualizada de formas distintas entre as crianças, há aquelas que já escalaram e concluíram a atividade com êxito, aquelas que já se propuseram a subir mas desistiram pela altura ou falta de habilidade e aquelas que tentaram mas que, pelas roupas desconfortáveis, falta de força ou ajuda, não conseguiram chegar até o fim. A avaliação sobre as suas performances anteriores molda a percepção de risco e marcam as experiências dos sujeitos.

Segundo Bondía (2002) “a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece” (BONDÍA, 2002, p.27). Assim, mesmo que se trate da mesma Parede de Escalada, os sujeitos que participarem da atividade ou os que estiverem apenas de espectadores, terão experiências particulares e subjetivas.

Nessa perspectiva, elementos como a percepção de risco, os sentimentos e a maneira como compreendiam as capacidades e habilidades das crianças influenciaram a fala dos pais, pois mesmo que experimentem a escalada suas experiências jamais serão as mesmas das crianças.

4.3 CATEGORIA TEMÁTICA: CUIDADO

De acordo com Guimarães (2008) para a legislação, cuidar e educar são dois conceitos que devem caminhar juntos dentro da Educação Infantil. No entanto para a autora, na prática cotidiana das creches ocorre a dissociação desses dois conceitos, o educar é a ação de transmitir conhecimentos e instruir assim como fazem as(os) educadoras(es), enquanto que o cuidar “é considerado como atender às demandas de sono, higiene e alimentação, proteger, ou “tomar conta” da criança, numa ação disciplinadora” (GUIMARÃES, 2008, p.37, grifo da autora) e função das(os) auxiliares, muitas vezes sem formação.

Nesse contexto, como pontua Guimarães (2008) o cuidado é entendido como uma ação inferior à de educar e tende a ser mal visto pelas(os) funcionárias(os) das instituições educacionais. Assim, em defesa a ação do cuidado Guimarães (2008) explica que:

À medida que tiramos o cuidado de uma dimensão instrumental, de disciplinarização e controle sobre os corpos (na creche isso significa, por exemplo, dar banho, alimentar, como exigências técnicas e rotineiras, somente), para colocá-lo na esfera da existencialidade, ele contribui na concepção de educação como encontro da criança com o adulto, num

sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada. (GUIMARÃES, 2008, p.48-49)

Neste cenário, entendo o cuidado como um ato de zelar pela criança diante de distintas circunstâncias, sendo que ao cuidado pode ser atribuído diferentes sentidos pois a interação entre a criança e o adulto envolve muitas esferas.

Assim como na creche, no Buffet Infantil os adultos cuidaram para que as crianças se alimentassem bem, não se sujasse e interagissem bem com as outras crianças e com os adultos. Além do cuidado com os brinquedos, com as escadas, com pessoas desconhecidas na festa, com o cumprimento das regras do espaço, ou seja, o cuidado enquanto ato de zelar pela criança foi entendido por cada sujeito de maneira diferente.

Na Tabela 1 as respostas da questão 3 são apresentadas e demonstraram os diferentes sentidos atribuídos ao cuidado pelos pais.

TABELA 1 – RESPOSTAS DA QUESTÃO 3 DA PESQUISA BRINCADEIRAS ARRISCADAS EM ANIVERSÁRIO INFANTIS: A COMPREENSÃO DE PAIS.

RESPOSTAS	
R1	Todo cuidado é pouco mas temos que ficar atentos.
R2	Com a escada.
R3	Cuidar deles nos brinquedos para que não se machuquem ou machuque alguém.
R4	Cuidar para que não brigue com outras crianças. Respeite sua vez de ir no brinquedo. Não corra no meio do salão.
R5	Ficar atento.
R6	É necessário ter atenção, pois alguns brinquedos oferecem riscos se usados de forma inadequada.
R7	Que os pais estejam sempre cuidando dos seus filhos, para que eles independente da idade não coloquem brinquedos pequenos na boca (risco de sufocamento), corram nas escadas, escorreguem ou se batam no contato com outras crianças e adultos. É um espaço de circulação de muitas pessoas, apesar de ser um ambiente destinado ao lúdico das crianças.
R8	Ficar sempre olhando e próximo.
R9	Eu acho que por mais que tenha monitor os pais que tem que cuidar.
R10	Os pais precisam estar sempre atentos, mesmo com o cuidado pelos monitores... pois são crianças. Se divertir é possível com responsabilidade de todos.
R11	Ficar atenta em qual brinquedo, ou se vai subir ou descer as escadas. Muitos pais pensam que isso é obrigação do recreador, mas na minha opinião são os pais que tem que cuidar e orientar seus filhos.
R12	Ficar de olho para não se machucarem ou machucar outra criança.

R13	Ficar de olho cuidar para que seja respeitado as regras de convivência de um espaço coletivo.
R14	Brigas e entrar com comida nos brinquedos
R15	Nunca perder de vista e verificar sempre se está brincando ou interagindo bem com os convidados.
R16	Sempre estar olhando onde ele está, sempre de olho no filho.
R17	Estar sempre de olho no que está fazendo e se não estão com os pais, se tem um adulto responsável por perto.
R18	Ficar atentos a tudo.
R19	A segurança dos brinquedos.
R20	Eu acho todos os brinquedos muito seguros, as monitoras são maravilhosas e atenciosas com as crianças.
R21	Na verdade, é mais cuidado das crianças pequenas perto das grandes, que são mais afobadas e podem acabar machucando as menores.
R22	Eles tem que ficar de olho sempre. Normal. Assim como em qualquer lugar de acordo a faixa etária.
R23	Segurança
R24	Alimentação

FONTE: A Autora (2020)

Para respostas R4, R13, R14 e R21 os sentidos atribuídos ao cuidado estavam direcionados para as normas de convivência dentro da interação com as outras crianças e adultos e com a organização do espaço, algumas mães até utilizaram pedidos feitos pela organização do buffet infantil em suas respostas como cuidar para que a criança não coma dentro dos brinquedos ou corra pelo salão.

Já para as respostas R2, R3, R6, R7, R12, R19 e R23 os pais acreditavam que o cuidado deve estar voltado para a prevenção de acidentes dentro e fora dos brinquedos permitindo que as crianças brincassem com segurança e responsabilidade. Na resposta R20 a mãe demonstrou muita segurança com os brinquedos e os monitores, já na resposta R6 um pai alertou a necessidade de atenção pois acredita que os brinquedos podem oferecer riscos se utilizados de forma errada.

No caso das respostas R9, R10, R11 e R17 as mães colocaram em foco o papel do adulto responsável na hora de pensarem o cuidado. Para as respostas R9 e R11 a consciência de responsabilidade sob a ação de cuidar deveria vir dos pais da criança apesar da presença dos monitores, já para as respostas R10 e R17 o cuidado deveria estar associado aos adultos responsáveis na festa, sejam os pais ou os monitores, numa ação conjunta em prol do cuidado da segurança das crianças.

Em contraposição as ideias similares onde o cuidado é atribuído ao cumprimento das normas de convivência e segurança ou ao papel do adulto responsável, na resposta R15 o sentido atribuído ao cuidado estava direcionado em possibilitar o brincar e a interação saudável da criança com seus pares e com os adultos, retratados pela mãe como convidados.

Já na resposta R24 a mãe cuidou com a alimentação das crianças, tendo em vista que muitas, pela presença de muitas pessoas e ambiente distinto ao habitual, esquecem de se alimentar corretamente.

As respostas R1, R8, R16, R18 e R22 ilustram as estratégias adotadas pelos pais para que o cuidado no sentido de zelo em relação ao espaço e as normas e regras seja efetivado, a atenção contínua nas crianças demonstrada através das expressões *ficar de olho* ou *ficar atento* aparecem em 13 das 24 respostas.

Para Guimarães (2008) o cuidado sai da esfera da ação disciplinadora para se configurar através da interação afetuosa e emancipatória dos adultos para as crianças, como pontua a autora no trecho a seguir:

Quando escutam, observam, dão visibilidade ou dialogam com os movimentos das crianças (especialmente quando as crianças não se expressam verbalmente) indicam que seus gestos e expressões têm um valor. Não dirigir as crianças, mas incentivá-las a dirigirem-se, desenvolvendo autonomia, escolha, iniciativa é uma forma de cuidarem do cuidado da criança sobre si, desenvolver uma atenção da criança sobre si. (GUIMARÃES, 2008, p.67)

Dessa forma, o cuidado com atenção e escuta permite entender os verdadeiros anseios das crianças. No entanto, promover sua autonomia diante o ambiente, amplia as possibilidades de resolução de seus próprios problemas.

De acordo com as respostas, o cuidado para os pais que participaram da pesquisa ganhou o sentido de zelar para que a criança se comportasse como o adulto espera, com disciplina e organização garantido que a festa ocorresse com segurança e responsabilidade permitindo que o brincar, a interação entre os pares e a diversão de todos fluísse sem maiores problemas.

As estratégias para que esse cuidar fosse efetivado, de acordo a opinião dos pais, começou pela atuação deles no sentido de estar sempre por perto e vigiando seus filhos e perpassou pelo o trabalho dos monitores, que deveriam numa ação conjunta garantir que as crianças, a partir da ausência dos pais, brincassem

com segurança respeitando o ambiente, os brinquedos, os adultos e as outras crianças.

5 CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A festa de aniversário infantil configurou-se num campo especial para o estudo sobre a criança. Por meio da festa, Segundo Santos (2013) a criança pode aprender sobre sua história, formar sua identidade, interagir e brincar com seus pares e com os adultos que a cercam. Aspectos estes importantes para o seu desenvolvimento durante a infância.

A infância é categoria social em constante mudança de acordo com os diferentes contextos históricos em que acontece. E as crianças são consideradas segundo Sarmiento (2004) atores sociais, pois apesar de estarem inseridas no universo dos adultos, são capazes de construir, recriar, modificar o seu próprio modo cultural e com o brincar, apresentado por Sarmiento (2004) através de um dos eixos estruturados das culturas da infância, não poderia ser diferente.

Enquanto brincam as crianças se apropriam de um conjunto de regras do mundo adulto e as ressignificam de acordo aos seus questionamentos ou interesses (SPRÉA, GARANHANI, 2014). Através da criatividade, da procura por novas descobertas, da presença de brinquedos, considerados objetos de suporte para brincadeira (KISHIMOTO, 2002) a criança experimenta, aprende e se desenvolve.

Os Buffets Infantis surgiram nesse contexto pela presença de brinquedos, que são utilizados pelos seus proprietários como meio de auto promoção no mercado de festas infantis (CASELANI, 2009). A contratação desses espaços para a organização das festas tem ganhado cada vez mais visibilidade e adeptos (CASELANI, 2009) (SANTOS, 2013) pois facilitam a produção das festas pelas famílias disponibilizando o espaço e demais aparatos necessários para que a festa aconteça sem maiores preocupações aos contratantes.

Além disso, o Buffet poderia ser considerado um ambiente de formação informal pois as festas que nele aconteciam promoviam a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Através das interações que teciam com seus pares e com os adultos, familiares ou não, a criança enfrentava desafios que contribuíam para as diferentes experiências e aprendizados na infância.

Nesse sentido, a criança na busca pelo seu desenvolvimento tem essência exploratória (SANDSETER, 2007) na hora de brincar. No entanto, as maneiras que brinca se diferem diante das possibilidades de espaço, de brinquedos,

de interação e educação que lhe são ofertadas nos ambientes que frequenta. Sendo os pais nessa relação os primeiros grandes influenciadores.

Na análise de compreensão dos pais sobre os brinquedos, foi demonstrado que as subjetividades de cada sujeito influenciaram no modo como perceberam o risco assim como aconteceu nos estudos de Sandseter (2007) e Bento (2011; 2012).

A idade das crianças foi outro fator que influenciou a escolha dos pais pelos brinquedos mais desafiadores. Para eles, os desafios não eram os mesmos entre as crianças com idades distintas. No entanto, nem sempre crianças mais velhas foram consideradas pelo seus pais mais capazes do que as menores. Não existem regras para tal determinação, a visão dos pais foi particular independentemente da idade das crianças.

O conhecimento que os pais tinham sobre os comportamentos dos seus filhos, sobre suas capacidades e habilidades foram determinantes para escolha do brinquedo mais desafiador. Conhecer a criança afetou a maneira como os pais reagiram aos riscos nas brincadeiras e de acordo com a percepção de risco esses elementos foram interpretados e conduziam as atitudes e reações em relação as crianças e suas experiências.

A categoria temática Sentimentos, evidenciou que os sentimentos de tranquilidade e insegurança foram o grande contraponto entre as escolhas dos pais.

A percepção de risco foi a noção que por vezes afetou a compreensão dos pais sobre os desafios e riscos nos brinquedos. Segundo estudos (LIMA, 1998; SANDSETER, 2007; TAVARES, 2011; BENTO 2011, 2012) as percepções de risco são os tipos de episódios ameaçadores e o modo como cada sujeito os percebe e interpreta é diferente.

Nesse sentido, as percepções de risco foram afetadas pelas experiências particulares dos pais e os conhecimentos que detinham sobre os gostos, os comportamentos e idade dos seus filhos.

As estratégias que os pais assumiram para que os cuidados fossem efetivados, no entanto, pareceram concordar quase que unanimemente. Os resultados apontaram para a ação de vigiar as crianças por todo o desenrolar da festa, das interações, das brincadeiras como forma de garantir que estejam se comportando bem, o que promoveria o seu cuidado.

Os monitores dos brinquedos, funcionários contratados pelo Buffet sem nenhum tipo de pré-requisito, também aparecerem na fala dos pais. Os monitores

foram reconhecidos pelos pais como fonte de apoio para que as crianças fossem assistidas durante a festa.

Sendo os monitores responsáveis não apenas pela segurança e preservação dos brinquedos, como também por garantir que as interações tanto entre as crianças como com os brinquedos fossem bem sucedidas. Nesse sentido, os monitores deveriam ensinar a dinâmica dos brinquedos, as formas corretas de interagir com o brinquedo e com as outras crianças, para que além de evitar acidentes as crianças pudessem concluir com êxito as atividades que foram propostas.

Diante disso, o Buffet Infantil enquanto espaço para a organização de aniversários infantis integra e promove rituais presentes nas infâncias como a interação da criança com seus pares e com os adultos, o desenvolvimento de sua identidade, o brincar e a experiência da criança com o novo, com os desafios e com o risco. Um ambiente educacional potente para o estudo sobre a criança e suas especificidades.

Além disso, durante as festas a interação entre os pais e seus filhos é acentuada, os brinquedos permitem que as crianças brinquem com seus pais, a organização do espaço possibilita que os pais observem seus filhos mesmo que estejam fazendo atividades diferentes, dessa forma o momento de confraternização entre as famílias ficam marcados na memória dos sujeitos.

Enquanto os pais observavam seus filhos embarcando em novos desafios e colocando em prática as habilidades por meio das brincadeiras arriscadas eram influenciados por uma série de fatores. As experiências com o risco marcadas positiva ou negativamente na memória eram trazidas à tona e em conjunto com a percepção de risco comandavam os sentimentos que os envolvem na relação das crianças com o risco.

No entanto, a segurança que encontraram nos brinquedos e nos monitores e a noção que detinham sobre as habilidades dos filhos afetaram a compreensão acerca das experiências arriscadas.

Logo, as brincadeiras arriscadas precisam ser vivenciadas desde cedo pelas crianças para que os pais observem, pelo desenvolvimento de suas capacidades e aprendizagem de habilidades, como as noções adquiridas por meio de experiências de risco são enriquecedoras.

Contudo, o espaço para a prática dessas atividades deve ser seguro, os brinquedos e equipamentos devem possibilitar que a criança experimente as brincadeiras arriscadas tendo experiências positivas.

Nesse contexto, o papel do monitor enquanto professor de Educação Física é de suma importância, seu entendimento sobre as especificidades da criança, suas capacidades e habilidades tornam a experiência com os brinquedos mais potentes em termos de desenvolvimento tanto da percepção de risco como de aprendizagem de habilidades necessárias as atividades.

Essas conclusões me levam ao entendimento de que as brincadeiras arriscadas podem fazer parte do currículo da Educação Física e os conhecimentos acerca desta temática precisam ser amplamente estudados. Além disso, os professores de Educação Física devem apropriar-se desses ambientes educacionais informais pois são os mais capacitados para atender as demandas que envolvem a criança e as práticas corporais sejam de risco, ou não.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L., **Análise de Conteúdo**. Tradução de: RETO, L. A.; PINHEIRO, A. 1. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016. Título original: L' analyse de contenu.

BARREIROS, J. **A criança e a percepção de risco**. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Joao_Barreiros/publication/267399046_A_Crianca_e_a_Percepcao_do_Risco/links/54b79f460cf2e68eb280328b.pdf
Acessado em 13/11/2020

BENTO, M. G. C. P. G.; **O perigo da segurança: estudo das percepções de risco no brincar de um grupo de educadoras de infância**. 2017. 74 f. Dissertação (Mestrado Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento). Universidade de Coimbra. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Portugal, 2012.

BENTO, M. G. P. G.; **Arriscar ao brincar: análise das percepções de risco em relação ao brincar de um grupo de educadoras da infância**. Revista Brasileira de Educação. Aveiro. V.22. n.69. abr-jun. 2017

BONDÍA, J. L., Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro. no.19. Jan./ Abr. 2002.

BRETON, D. L. **Ambivalências do risco**. Rev. Sociologias. Porto Alegre, ano 21, n. 52, set-dez 2019, p.34-48.

CASELANI, D. M. C. **Confiança e Desempenho Organizacional: Um estudo sobre a relação interorganizacional na prestação de serviço de festas infantis**. Brasil, 2009. 222 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.

DINIZ, E. J. **Escolhendo recordações: Lendo o ritual da festa de aniversário pelo registro fotográfico dos convidados**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2013h27p15/24271> . Acessado em 12 de maio de 2020.

GARANHANI, M. C.; NADOLNY, L. F. **Recursos para o planejamento e a formação dos professores de Educação Infantil sobre o movimento da criança como linguagem**. Revista Reladei. BRASIL. Vol, 4 (1), Abril 2015, p. 271-292.

GIRARDI, A.; SILVA, C.; SOUZA, L.; BARZAGUE, L.; SOARES, S.; CRESPO, S.; BONADIO, S.; **A Importância do BRINCAR no Desenvolvimento da Criança**. Revista XIII Semana dos Estudos

GUIMARÃES, D. O. **Relações entre crianças e adultos no berçário de uma creche pública na cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado**, Brasil. 2008. 221 f. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação da Puc-Rio, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:

KISHIMOTO, T. K. **A importância do brinquedo para a educação**. Revista Pedagógica. UNOCHAPECÓ. Ano 4. N.8. p.7-13. Jan/ jun/ 2002.

LE BRETON, D. **Condutas de Risco: Dos jogos de morte ao jogo de viver**. Tradução de: OLIVEIRA, L. L. São Paulo: Editora Autores Associados LTDA, 2009a Título original: Conduites à risque: des jeux de morta e jeu de vivre.

LE BRETON, D. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções**. Petrópolis, Vozes, 2009b.

LIMA, M. L. **Factores sociais na percepção de risco**. Revista Psicologia. V. XII (1). p.11-28. Lisboa. 1998.

MENDONÇA, L. S. **Simbologia das celebrações de aniversário: uma perspectiva do Design sobre festas infantis**. 55f. Monografia de graduação (bacharelado em Design). Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2018.

MOURA, D. L.; SOARES, A. J. G. **Esporte de risco e risco no esporte: uma análise do risco percebido no voo livre**. Revista Educação Física/UEM, v.25, n-1, p. 53-65, 1 trim. BRASIL. 2014

NETO, C. **Brincar a ser ativo na infância**. Revista Diversidades: Educação e Aprendizagem. Região Autónoma da Madeira. Jul/ dez/ 2017.

OLIVEIRA, R. A. **Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds: identificação e opiniões de profissionais da educação infantil**. Brasil, 2008. 136 f. Tese (Pós-graduação em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho". Marília, São Paulo, 2008.

SANTOS, N. B. **Quando "menos" é "mais": a criança e seu aniversário**. Brasil, 2013. 265 f. Tese (Doutorado em Educação). Setor Infância, Juventude e Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. In: SARMIENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz. Crianças e Miúdos. Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto; Asa Editores, 2004.

SPRÉA, N. E. **A proibição das brincadeiras um estudo sobre a cultura lúdica infantil na escola**. 2018. 306f. Tese (pós-graduação em Educação) –

Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/56182>. Acessado em 01 de julho de 2020

SPRÉA, N. E; GARANHANI, M. C. **A criança, as culturas infantis e amplo sentido do termo brincadeira**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n.43, p.717-735, set./dez. 2014.

SANDSETER, E. B. H. **Categorizing risky play – How can we identify risk-taking in children’s play?** (2007). European Early Childhood Education Research Journal, 15(2), p.237-252
<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13502930701321733#.VTDjW2ccS>
[Uk](#)

TAVARES, J. S. **Avaliação da percepção do risco associados à segurança por parte dos profissionais de educação em jardins- de- infância**. 2011. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente, Higiene, e Segurança em Meio Escolar). Escola Superior de Tecnologia da Saúde do Porto. Porto (PT), 2011. Disponível em: <https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/704> Acessado em: 13/11/2020.

ANEXO 1 – TABELA COM AS UNIDADES DE CONTEXTO E REGISTRO

	BRINQUEDO MAIS DESAFIADOR
	JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO BRINQUEDO
	SENTIMENTOS MENCIONADOS
	JUSTIFICATIVA PARA A ESCOLHA DO SENTIMENTO
	SENTIDOS QUE OS PAIS ATRIBUEM AO CUIDADO
	ESTRATÉGIAS PARA O CUIDADO
P1. No buffet, qual brinquedo considera mais desafiador para seu filho? Por que?	R1. Escalada
	R2. Escalada
	R3. Parede de escalada
	R4. Tombo legal. Acerto de mira
	R5. Escalada
	R6. Parede de escalada, pois desafia o equilíbrio, força física e medo de altura
	R7. Parede de escalada. Pela altura e pela dificuldade de coordenação motora do meu filho.
	R8. Escalada
	R9. Escalada
	R10. Para o mais velho nenhum
	R11. A escalada, ela ainda não tem coordenação para subir
	R12. Os de altura
	R13. O menor a roda gigante, o maior a área de jogos
	R14. Escalada
	R15. Escalada
	R16. O brinquedão, por ser grande e ter vários obstáculos
	R17. Escalada, pela altura
	R18. Nenhum
	R19. Hoje em dia nenhum porque ele já está com 9

	anos
	R20. Escalada
	R21. Nenhum brinquedo como desafiador, acho todos divertidos
	R22. Parede de escalada
	R23. Labirinto. Gosta de explorar
	R24. Parede de escalada
P2. Se seu filho quisesse ir na parede de escalada, como se sentiria?	R1. Medo
	R2. Aflita
	R3. Medo
	R4. Tranquila
	R5. Apreensivo
	R6. Tranquilo
	R7. NÃO INFORMADO
	R8. Quando fosse maior
	R9. Deixo, normal
	R10. Tranquila
	R11. Insegura
	R12. Super feliz
	R13. Tranquila, segura
	R14. Eu me senti tranquila, mas ele teve muito medo e desistiu já no início
	R15. Frio na barriga
	R16. Sem problemas
	R17. Tranquila, vou estar perto e dando força para que consiga se divertir
	R18. Tranquila
	R19. Ele foi
	R20. Tranquila
	R21. Tendo a idade necessária não vejo problema, pois tem todos os equipamentos de segurança
	R22. Ele não tem coragem ainda
	R23. Na torcida

<p>P3. Na sua opinião, quais os cuidados que os pais devem ter com seus filhos durante festas de aniversário no buffet?</p>	<p>R24. Orgulhosa</p>
	<p>R1. Todo cuidado é pouco mas temos que ficar atento</p>
	<p>R2. Com a escada</p>
	<p>R3. Cuidar deles nos brinquedos para que não se machuque nem machuque ninguém</p>
	<p>R4. Cuidar para que não brigue com outras crianças. Respeite sua vez de ir no brinquedo. Não corra no meio do salão</p>
	<p>R5. Ficar atento</p>
	<p>R6. É necessário ter atenção, pois alguns brinquedos oferecem riscos se usados de forma inadequada.</p>
	<p>R7. Que os pais estejam sempre cuidando dos seus filhos, para que eles independente da idade não coloquem brinquedos na boca (risco de sufocamento), corram nas escadas, escorreguem ou se batam no contato com outras crianças e adultos. É um espaço de circulação de muitas pessoas, apesar de ser um ambiente destinado ao lúdico das crianças.</p>
	<p>R8. Ficar sempre olhando e próximo</p>
	<p>R9. Eu acho que por mais que tenha monitor os pais tem que cuidar</p>
	<p>R10 Os pais precisam estar sempre atentos, mesmo com o cuidado pelos monitores... pois crianças são crianças. Se divertir é possível com responsabilidade de todos</p>
	<p>R11. Ficar atenta em qual brinquedo, ou se vai subir ou descer as escadas. Muitos pais pensam que isso é obrigação do recreador, mas na minha opinião são os pais que tem e orientar seus filhos</p>
	<p>R12. Ficar de olho para não se machucar nem machucar outra criança</p>
	<p>R13. Ficar de olho para que seja respeitado as regras de convivência de um espaço coletivo</p>

	R14. Brigas e entrar com comida nos brinquedos
	R15. Nunca perder de vista e verificar sempre se está brincando e interagindo bem com os convidados
	R16. Sempre estar olhando onde ele está, sempre de olho no filho.
	R17. Estar sempre de olho no que esta fazendo e se não estão com os pais, se tem algum adulto responsável adulto por perto.
	R18. Ficar atentos a tudo
	R19. A segurança dos brinquedos
	R20. Eu acho todos os brinquedos muito seguros as monitoras são maravilhosas e atenciosas com as crianças
	R21. Na verdade é mais cuidado com as crianças pequenas perto das grandes, que são mais afobadas e podem acabar machucando as menores
	R22. Eles tem que ficar de olho sempre. Normal. Assim como em qualquer lugar de acordo com a faixa etária
	R23. Segurança
	R24. Alimentação